

DIABLO
SEASON of
WITCHCRAFT

**As Sete
Noivas da
Serpente**

UM CONTO DE
DAVID A. RODRIGUEZ

História

DAVID A. RODRIGUEZ

Ilustrações

GARY LAIB

Editorial

CHLOE FRABONI

Design e direção de arte

COREY PETERSCHMIDT

Consultoria de história

IAN LANDA-BEAVERS

Consultoria criativa

MATT BURNS, BEN CHANEY, NICK CHILANØ,
DAVID LOMELI

Produção

BRIANNE MESSINA, CARLOS RENTA,
TAKAYUKI SHIMBØ, VALERIE STONE

Agradecimentos especiais

RØD FERGUSSØN, RAFAEL TELLØ

Tradução

HEBER COSTA, MARIANA BARROS



Blizzard.com

© 2025 Blizzard Entertainment, Inc. e o logotipo Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos EUA ou em outros países.

Publicado por Blizzard Entertainment

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou artista, ou são usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não tem controle nem assume qualquer responsabilidade por autores, sites de terceiros ou seu conteúdo.

As Sete Noivas da Serpente

“Liberdade requer poder.”

As palavras sussurradas ecoaram na mente de Belith, circundadas por outros pensamentos e lembranças esmaecidos. Ela estava em um ponto muito além da exaustão, mas não podia descansar. Ainda não. Tinha que ir até o fim. Suas mãos estavam peguentas de sangue, embora os arranhões que recobriam seus braços e pernas desnudos fossem apenas superficiais. Quando a faca voltou, parecia mergulhada em carmesim. Belith girou a arma na mão novamente, ainda querendo ser saciada, e se recostou contra a carne de uma árvore enorme.

Carne? É isso mesmo? A madeira que ela sentia através do tecido fino era como couro grosso, ainda parecia uma casca. Mas *pulsante*. Parecia que aquele batimento lento e constante vinha do âmago da madeira, pressionando suas costas de forma ritmada. Ou seriam os batimentos cardíacos daquelas mulheres que jaziam aos pés dela, sincronizados e tornando-se cada vez mais altos a cada batida que expelia o sangue dos corpos?

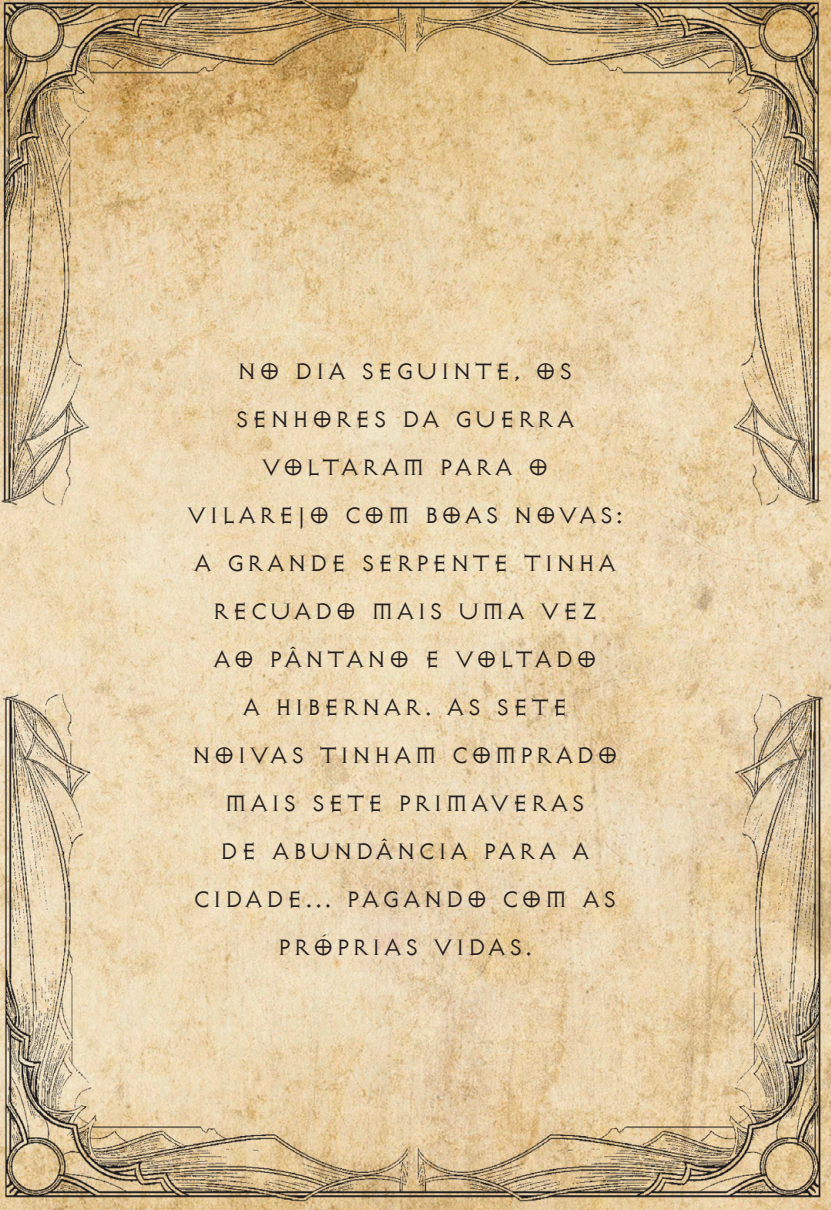
Os olhos de Belith se voltaram de novo para suas companheiras. Uma lua cheia primaveril pendia da abóbada celeste, lançando uma luz austera nos corpos pálidos das mulheres espalhados sob os galhos secos da velha árvore, fazendo com que brilhassem numa leve incandescência. A cena tinha algo de etéreo. O fôlego cada

vez mais fraco delas jogava vapores no frio da noite. Elas poderiam ter sido um belo sacrifício no Abate de amanhã à noite, não fosse por Belith... e seus planos.

Ela tinha nove anos de idade quando testemunhou o primeiro Abate. Sete donzelas em roupas de noiva tinham marchado, descalças, para o pátio que ficava do lado de fora na enorme propriedade dos três Senhores da Guerra. As pessoas lá reunidas, incluindo Belith, ficaram petrificadas quando as Sete Noivas caminharam para dentro das águas cristalinas nos limites da cidade. A fonte era límpida e fria. Ela alimentava os pântanos em redor através de afluentes sinuosos. Os riachos eram estreitos demais para a Grande Serpente nadar, mas ela nunca deixava de aparecer para colher a oferenda. Ou, pelo menos, era o que a mãe dela dizia. O Abate era perigoso demais para as pessoas testemunharem. Os líderes da cidade — três Senhores da Guerra poderosos, imutáveis e imortais que trouxeram seu povo para o pântano tempos atrás — eram os únicos presentes na cerimônia. Mas os vestidos das noivas esfarrapados e salpicados de sangue eram prova suficiente. No dia seguinte, os Senhores da Guerra voltaram para o vilarejo com boas novas: a Grande Serpente tinha recuado mais uma vez ao pântano e voltado a hibernar. As Sete Noivas tinham comprado mais sete primaveras de abundância para a cidade... pagando com as próprias vidas.

Há muito que a cidade tinha se resignado a ceder suas filhas a cada sete anos. Em todos os outros dias, as pessoas viviam com grande luxo e segurança. A Grande Serpente nunca as ameaçou, e suas terras ficavam protegidas pelos pântanos em redor. Belith pensava que o fato de a cidade deixar esse horror acontecer era quase compreensível ou até totalmente perdoável. Nenhuma mulher da cidade — nem mesmo Belith — se sentia totalmente livre do Abate seguinte.

Quando os nomes do Abate deste ano foram anunciados, as sete jovens foram tiradas de suas casas pela guarda pessoal dos Senhores da Guerra, liderada pelo Velho Sargento. As mulheres foram, então, arrebanhadas e colocadas numa pequena cabana à margem das águas onde seriam oferecidas à Grande Serpente na noite seguinte. Havia apenas um único guarda. Após tantas gerações de Abate e doutrinação, a ideia de haver resistência era impensável. Os Senhores da Guerra



NØ DIA SEGUINTE, ØS
SENHØRES DA GUERRA
VØLTARAM PARA Ø
VILAREJØ CØM BØAS NØVAS:
A GRANDE SERPENTE TINHA
RECUADØ MAIS UMA VEZ
AØ PÂNTANØ E VØLTADØ
A HIBERNAR. AS SETE
NØIVAS TINHAM CØMPRADØ
MAIS SETE PRIMAVERAS
DE ABUNDÂNCIA PARA A
CIDADE... PAGANDØ CØM AS
PRØPRIAS VIDAS.

presumiram que todas obedeceriam.

Foi com essa presunção que Belith contou quando enfiou a faca de poda da mãe dela na nuca do guarda. Os engasgos e gorgolejos que ele soltava quando era carregado por elas não foram ouvidos por ninguém. Belith convenceu as outras moças do seu plano e garantiu que a troca da guarda só aconteceria ao amanhecer.

Essa suposição ela logo veria que errou.

Não fazia nem duas horas que as noivas tinham fugido quando ouviram um grupo de busca se aproximando. Todas estavam exaustas, passando por espinheiras que rasgavam a carne e por água lodosa que prendia os pés, como se o próprio pântano quisesse atrasá-las. Quando enfim conseguiram refúgio sob uma árvore descomunal e desfolhada, já tinham se resignado com a captura. As sete caíram por terra, chorando de frustração na lama. A aposta deu errado. *Belith* fracassou.

Foi aí que os sussurros começaram.

“Liberdade requer poder...”

Mesmo fatigadas, as sete mulheres se sobressaltaram e olharam em redor, procurando de onde vinham os sussurros. Não havia ninguém à vista. Era uma legião de vozes que parecia vir de todo lugar, mas de nenhum lugar.

“Apareça!”, gritou uma das noivas.

Belith se imprensou com as outras, empunhando a única arma que tinham — a faca.

“Façam sua escolha... ou alguém fará por vocês.”

Belith se virou e olhou para cima. Agora ela tinha certeza. Os sussurros vinham da árvore, em cujos galhos havia dezenas de cabeças — uma das quais ela reconheceu. Era Skaylaya. Ou... foi um dia. A jovem tinha sido uma espécie de babá para Belith quando ela era criança, cuidando dela sempre que a mãe ia para a cidade. Mas Skaylaya tinha sido abatida sete anos atrás.

A cabeça decapitada de Skaylaya estava pendurada em um cipó ressecado da árvore. Sua trança solitária, antes grossa e de um vermelho dourado, agora era um emaranhado de fios de cobre quebradiços. Os olhos dela não passavam de duas cavidades escuras, marcadas pelo tempo e por um conhecimento terrível. A boca

entreaberta parecia um rasgo na pele de pergaminho da face pálida — uma boca que repetia as palavras.

“Liberdade requer poder.”

E aí uma iluminação recobriu Belith como uma onda gentil, enquanto o barulho antes distante do grupo de busca ficava cada vez mais próximo. Muitas cabeças daquela árvore eram jovens mulheres.

Mulheres do vilarejo dela.

Noivas da Grande Serpente.

Belith prendeu o fôlego enquanto encarava os olhos sem visão da morta que tinha sido Skaylaya.

“Não temam”, sussurrou a cabeça da jovem.

“Nós compartilharemos nosso conhecimento”, disse outra.

“Com ele, vocês saberão o que é poder e liberdade.”

“Entregue-nos seu sangue vital e coloquem-se a serviço da árvore.”

“Ou voltem para a cidade...”

“E juntem-se às suas irmãs nestes galhos amanhã.”

Ela enxergou a verdade... todas as noivas enxergaram a verdade. Os Senhores da Guerra não estavam controlando a Serpente. Estavam dando as mulheres do vilarejo a essa árvore, dando o sangue vital delas em troca de... quê? Poder? Imortalidade? Será que a Serpente algum dia tinha sido uma ameaça?

Olhando para as outras mulheres, Belith sentiu a garganta embargada pelas lágrimas. Ela sabia o que precisavam fazer. Os Senhores da Guerra mentiram para os aldeões por gerações, mas... podiam confiar na árvore? E o preço...

Era alto demais. As mulheres agora olhavam para ela, esperando respostas, orientação. Ela havia convencido todas a escaparem, a desafiar os Senhores da Guerra. Se não fizesse alguma coisa logo, elas correriam para o pântano, de volta ao terrível ciclo da morte. Os Senhores da Guerra faziam esses pactos, mas a vida de Belith não a preparou para tomar essas decisões.

A mente dela girava. Ela sentiu muitos olhos sobre si — as cabeças, as noivas, todas exigindo uma resposta. Todas exigindo *mais* dela. Mas todos os caminhos

levavam a sangue e sacrifício. Sangue e...

Ela olhou para a faca que segurava, ainda carmesim por causa do guarda. Belith não sabia o que ia fazer quando roubou a arma, apenas que se recusava a seguir mansamente para a própria morte. Ela precisara de um instante de desacato, um instante para tomar sua própria decisão quando todas as outras foram roubadas dela. Um instante para ser *livre*.

“Escutem aqui”, disse ela, expelindo as palavras roucas da garganta. “Se nos pegarem, vamos morrer amanhã. Primeiro, vão nos punir pelo que fizemos, mas podem ter certeza de que depois vão nos fazer desfilar pelas ruas como pôneis enfeitados, nos obrigar a entrar na água e festejar enquanto somos chacinadas.” Ela fez um gesto na direção das cabeças na árvore. “Vocês estão vendo onde esse caminho vai dar, o que acontece de fato com as Noivas da Serpente.”

Belith ergueu os olhos, olhando para cada uma. “Sim, essa árvore nos faz promessas... de poder... de liberdade, mas eu não posso prometer isso. Não sei o que acontecerá se fizermos esse acordo. Podemos morrer aqui neste pântano.

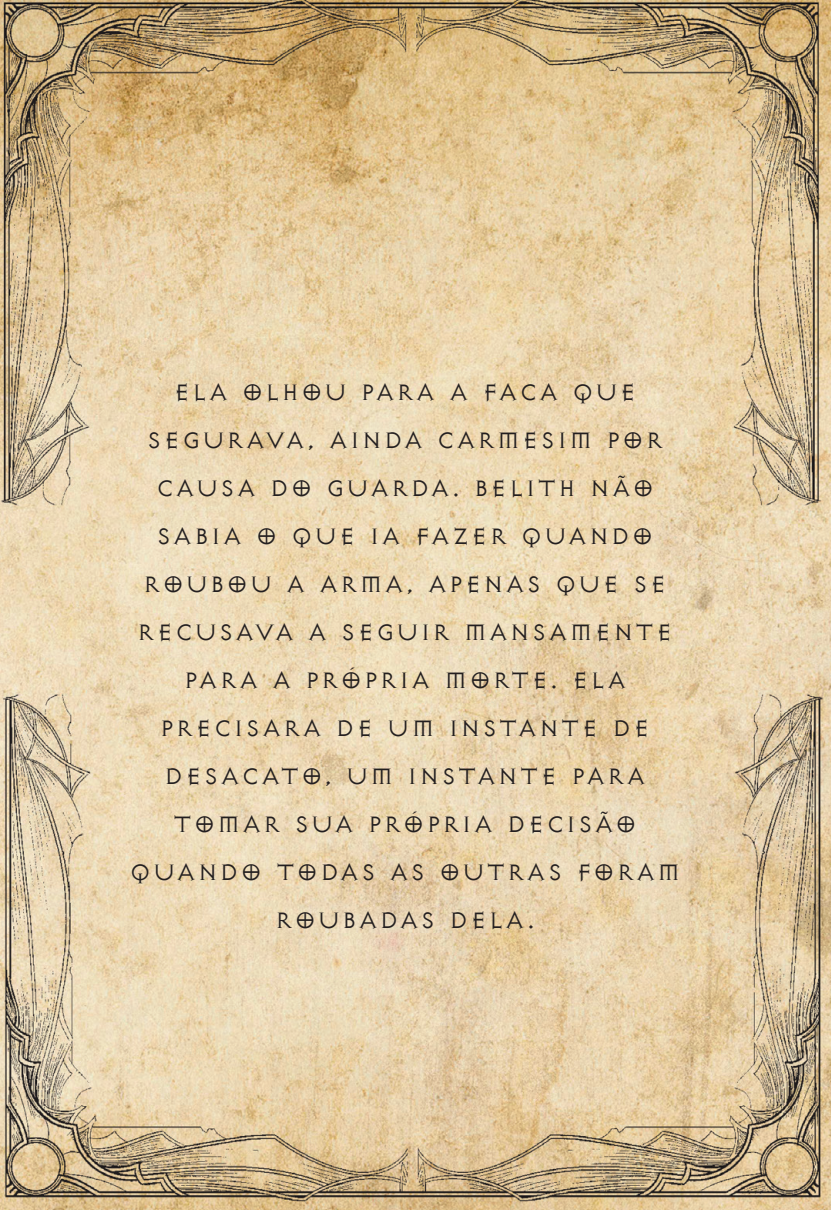
“Mas prefiro morrer aqui, neste lodo, pelas minhas próprias mãos, por escolha própria, ao lado de vocês, minhas irmãs, a morrer a serviço daqueles mentirosos desgraçados.” A voz dela era suave, mas carregada de certeza e robustez.

“Eu fiz a minha escolha”, disse Belith. “Agora vocês precisam fazer a sua.”

Houve um momento de silêncio em que as mulheres se entreolharam. Depois, sem dizer palavra alguma, elas formaram um círculo imperfeito, com Belith marcando o início e o fim na base da árvore. A mulher à direita, cujo nome Belith acreditava ser Deno, tomou a faca da mão dela e respirou fundo antes de fazer rapidamente alguns talhos. Belith assistiu, paralisada, enquanto as mulheres, uma a uma, pegavam a arma e derramavam seu sangue vital nas raízes famintas da árvore. Belith sabia que ela deveria ser a testemunha. Ela tinha que ser a última para se certificar de que não havia sido tudo em vão.

Tinha que ver se a árvore cumpriria a promessa.





ELA OLHOU PARA A FACA QUE
SEGURAVA, AINDA CARMESIM POR
CAUSA DO GUARDA. BELITH NÃO
SABIA E QUE IA FAZER QUANDO
ROUBOU A ARMA, APENAS QUE SE
RECUSAVA A SEGUIR MANSAMENTE
PARA A PRÓPRIA MORTE. ELA
PRECISARA DE UM INSTANTE DE
DESACATO, UM INSTANTE PARA
TOMAR SUA PRÓPRIA DECISÃO
QUANDO TODAS AS OUTRAS FORAM
ROUBADAS DELA.

O Velho Sargento estacou quando um grito agudo perfurou a noite como uma lança. Os quatro homens que o seguiam eram bem treinados e pararam imediatamente, os olhos alertas, o pescoço virando à procura do perigo, levando as mãos à arma na cintura. O sargento apurou os ouvidos e passou a mão no rosto, coçando as cicatrizes em relevo que vinham por baixo do peitoral de couro, subindo o pescoço até a face direita. Alguma coisa no ar fazia suas cicatrizes coçarem. E ele não estava gostando nada disso.

“É só um pássaro desgraçado”, resmungou. A voz dele estava áspera e indignada. Ele fez sinal para os homens continuarem seguindo o rastro que aquelas garotas ridículas tinham deixado. “Andem. Os Senhores da Guerra querem elas de volta antes da alvorada.” O grupo assentiu com um grunhido e seguiu em frente, todos temendo correr o risco de aborrecer mais o Velho Sargento, que já era cruel nos dias bons. Parecia que o rastro levava para o único marco visível naquele pântano miserável: os ramos gigantescos de uma árvore seca.

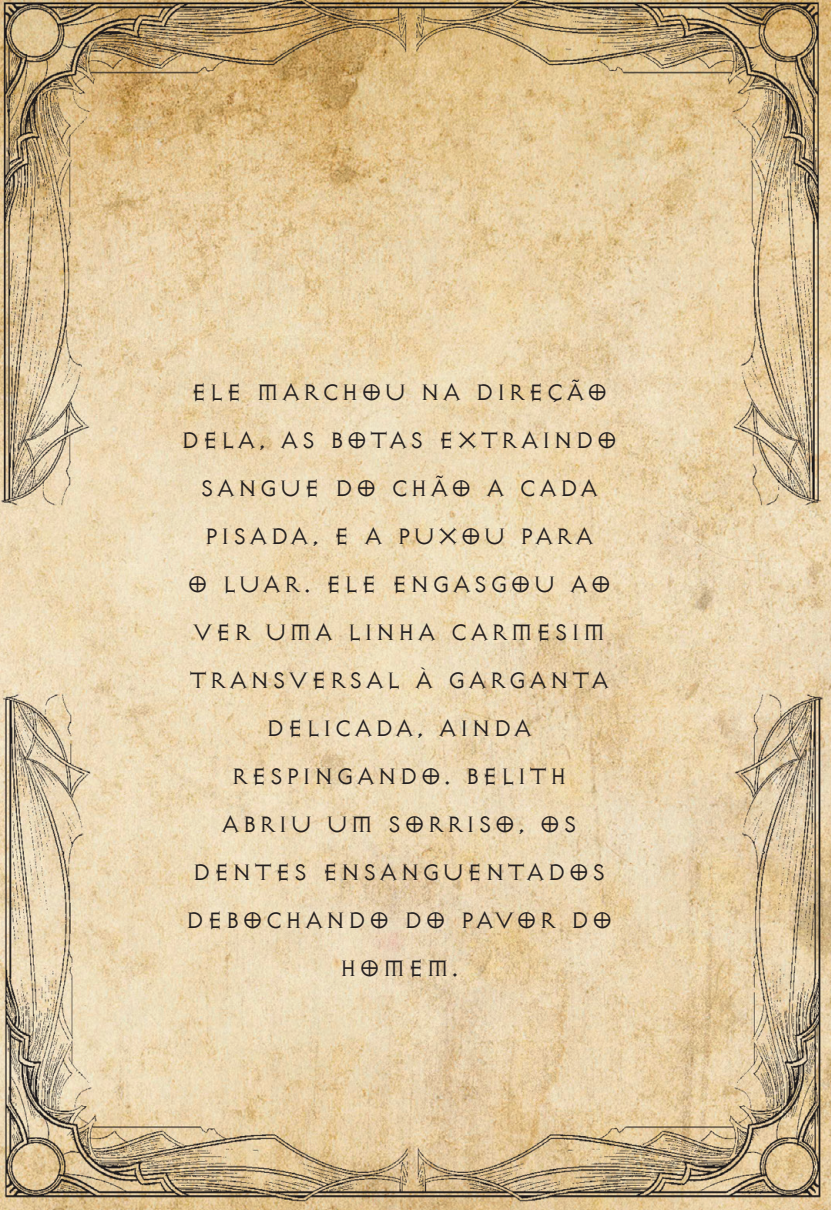
Em poucos minutos, eles chegaram à pequena clareira, onde se depararam com o pássaro que os fez parar antes. Um corvo, empoleirado em um galho muito alto da árvore, balançava e se agitava, parecendo rir do sargento enrubescido.

O velho desceu os olhos e viu uma cena horripilante. Ele cambaleou pelas raízes examinando os corpos das noivas, amaldiçoando o fato de que achou todas à beira da morte. Os ferimentos eram graves demais, e o curandeiro estava muito longe. Ele não tinha cogitado isso. Trincou os dentes com frustração. Os Senhores da Guerra não iriam gostar.

“Você chegou tarde”, grasnou uma voz vinda das sombras.

O Velho Sargento se virou, vendo Belith recostada contra o espesso tronco da árvore. “Você!”, cuspiu ele na direção dela. “O que você fez?” Ele marchou na direção dela, as botas extraindo sangue do chão a cada pisada, e a puxou para o luar. Ele engasgou ao ver uma linha carmesim transversal à garganta delicada, ainda respingando. Belith abriu um sorriso, os dentes ensanguentados debochando do pavor do homem.

“Não servimos mais ao mesmo mestre”, disse ela, com um sussurro que o atingiu como uma trovoadas. “Nós estamos livres.” A cada palavra, a árvore respondia com



ELE MARCHOU NA DIREÇÃO
DELA, AS BÓTAS EXTRAINDO
SANGUE DO CHÃO A CADA
PISADA, E A PUXOU PARA
O LUAR. ELE ENGASGOU AO
VER UMA LINHA CARMESIM
TRANSVERSAL À GARGANTA
DELICADA, AINDA
RESPINGANDO. BELITH
ABRIU UM SORRISO, OS
DENTES ENSANGUENTADOS
DEBENCHANDO DO PAVOR DO
HOMEM.

um tremor. Os homens logo atrás gritaram quando a árvore se esticou e cresceu, galhos arranhando o céu com uma vida terrível, a madeira guinchando de agonia e contentamento. As raízes rasgaram a terra, os galhos engrossaram e se expandiram, lançando sombras sobre os soldados.

Belith ria enquanto os homens recuavam às pressas e se amontoavam, mas o Velho Sargento ainda segurava os ombros dela. Ele estava petrificado. Não pela árvore, mas pelo Corvo. O pássaro somara seu grasnado lancinante aos estalos da madeira se fendendo enquanto a árvore ameaçava arrancar a lua, desafiando tudo que era natural. O Corvo soltou um guincho de dor quando seus ossos delicados eocos foram quebrados, rearranjados e quebrados de novo, até ele nascer de novo. Ele abriu as asas para os céus, como uma enorme cortina de ébano que fazia inveja à de uma águia. Nunca existira um pássaro assim. Não tinha como existir.

Então, o Corvo baixou a cabeça, fixando o olho dourado no Velho Sargento.

O olho era ancestral. E sábio. E faminto.

Os soldados fugiram da clareira tendo em seu encalço o eco das gargalhadas misturadas do Corvo e de Belith.



Com o cair da noite no vilarejo, centenas se reuniram para ver o Abate. Corriam sussurros pela multidão. Eram cochichos sobre as mulheres egoístas que abandonaram seu dever e sobre as pobres sete almas que foram pegas de última hora para cumprir o sacrifício da noite. As carroças e barracas do festival de comida e música que ocorrera durante o dia agora estavam fechadas, tornando-se uma plateia silenciosa do que transcorreria.

Os três Senhores da Guerra imortais estavam em cima de um estrado com relevos no meio do pátio da propriedade, iluminados de vermelho por um braseiro grande. A armadura formal que usavam era ornamentada com gemas e metais preciosos, e capacetes plumados e totalmente fechados escondiam da massa aqueles rostos ancestrais. O Velho Sargento ficou ao lado da plataforma em posição de sentido, totalmente ereto, apesar das chicotadas recentes nas costas, ocultas pela couraça.

Os Senhores da Guerra fizeram sinal, e a multidão silenciou, quando as mulheres começaram a andar rumo à plataforma. Dois soldados em dourado carregando o estandarte dos Senhores da Guerra seguiam à frente das sete donzelas sob véus.

As cicatrizes do Velho Sargento começaram a coçar cada vez mais intensamente enquanto a procissão continuava. As sete chicotadas profundas nas costas, uma para cada noiva que ele perdeu no pântano, estavam queimando com o suor, mas ele não ousou se mexer durante a cerimônia. Ele travou os dentes e observou as mulheres se enfileirarem na plataforma diante dos Senhores da Guerra, prontas para inspeção. De suas bocas, caíram palavras sobre a vasta abundância da cidade e como esse sacrifício saciaria a fome da Grande Serpente, concedendo ao povo mais sete anos de esplendor.

O Velho Sargento já tinha ouvido tudo aquilo antes e mal conseguia prestar atenção, totalmente consumido pelo desconforto das feridas e pela coceira das cicatrizes. Uma coceira profunda e insidiosa. A mesma que ele sentiu quando...

Não.

Um dos Senhores da Guerra deu um passo à frente e estendeu as manoplas na direção da donzela ao centro, levantando o véu pelas pontas. O Velho Sargento saltou para frente, mas seu grito de alerta se afogou na enxurrada de trombetas que recomeçaram a soar. O que foi que aquela mulher tinha dito no charco?

Ele chegou tarde demais.



Belith sorriu para o Senhor da Guerra por baixo do véu agora erguido. Uma cicatriz branca e limpa de lado a lado da garganta pulsava provocativamente. “Eu trago ao meu senhor saudações da Árvore dos Lamentos”, sibilou ela. “Sou digna do sacrifício?”

O Senhor da Guerra parou, congelado pelos olhos da jovem.

“Que pacto astucioso vocês fizeram com a árvore”, disse Belith. “Sete cabeças por mais sete verões. Diga, foi difícil enganar todas essas pessoas para que dessem

carne da própria carne pela sua longevidade? Ou ficou mais fácil a cada vez?”

O Senhor da Guerra recuou atabalhoadamente, berrando, mas não conseguiu escapar do estrado: as noivas fecharam o cerco. Belith não deu atenção ao escândalo dele, estendendo a mão e percorrendo o capacete com um só dedo. “Os ignóbeis que servem a você acreditam que ouro e pedras preciosas são a riqueza desta terra. Mas a verdadeira riqueza — a incomensurável fortuna — está toda aqui.” E bateu na testa do capacete para dar ênfase.

“A Grande Serpente era a ameaça perfeita. Inimigos, aliados, os habitantes do vilarejo... todos a temiam. Ninguém ousaria se aventurar nos pântanos para ameaçar vocês. Ninguém ousaria *partir*. Ninguém jamais acharia a árvore e descobriria o *que... vocês... fizeram*.”

Belith virou subitamente a cabeça, lançando o olhar para o Velho Sargento, que avançava na direção do estrado de arma em riste. Ele parou no meio do caminho quando Belith levantou o queixo, sacudindo a cabeça na direção dele.

O coração do homem explodiu no peito.

“Mas *nós* sabemos.”

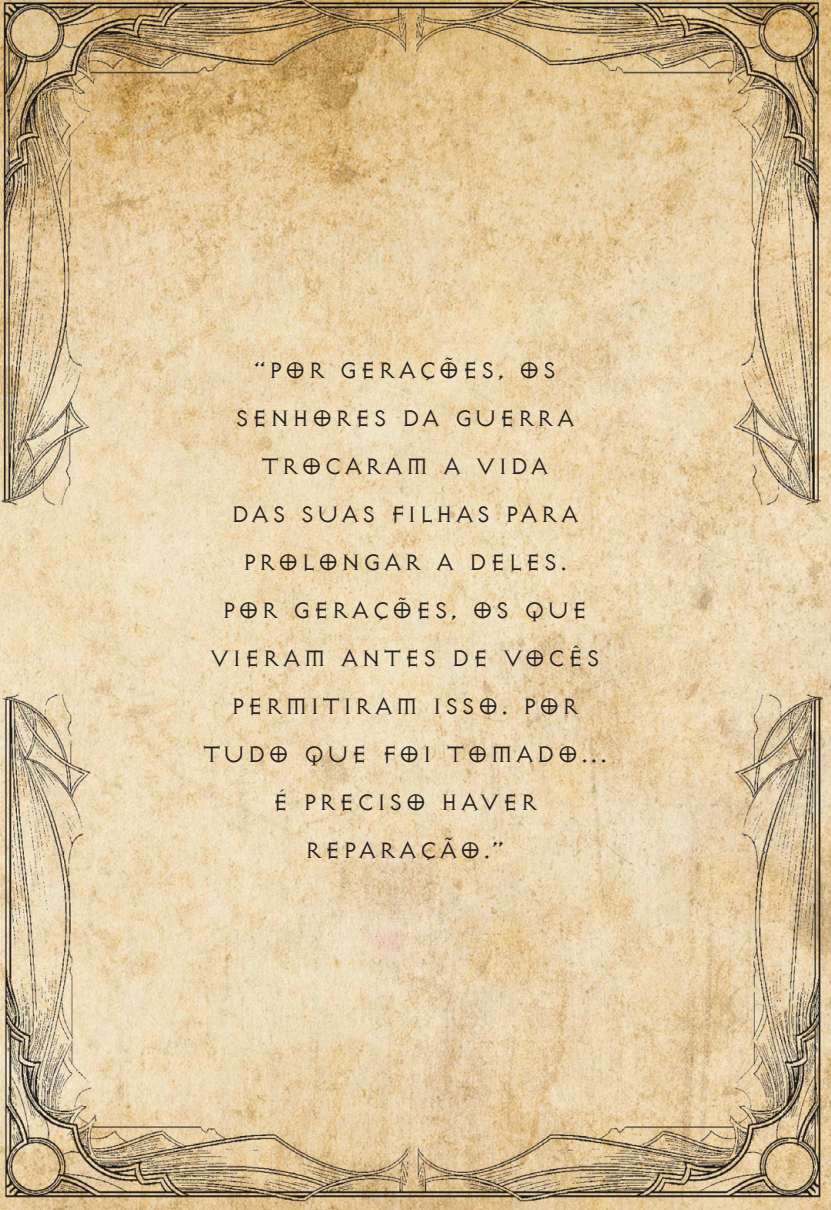
As outras noivas rasgaram o véu aos uivos. As cicatrizes nos braços delas estavam limpas e curadas. Então, caíram sobre os Senhores da Guerra.

“E fizemos nosso próprio pacto. Conhecimento proibido, poder, liberdade...”

O povo da cidade reunido permaneceu em silêncio enquanto as mulheres de branco arrebatavam a armadura dos Senhores da Guerra, arrastando-os da casca protetora para encarar a justiça.

“Tudo por um juramento para servir à Árvore. A começar pela devolução de três cabeças que ela deseja *intensamente*.”

Os Senhores da Guerra não pediram misericórdia, e as noivas não deram. Em poucos instantes, os cadáveres inertes dos Senhores da Guerra jaziam em uma confusão de metal retorcido, ossos e carne. As noivas, com seus vestidos banhados de sangue, pararam e julgaram silenciosamente a plateia acovardada. Ouviu-se uma arfada coletiva da multidão quando uma sombra cobriu o estrado. Um corvo com asas colossais, que ameaçavam bloquear a luz da lua, pairou sobre todos.



“PØR GERAÇÕES, ØS
SENHØRES DA GUERRA
TRØCARAM A VIDA
DAS SUAS FILHAS PARA
PRØLØNGAR A DELES.
PØR GERAÇÕES, ØS QUE
VIERAM ANTES DE VØCÊS
PERMITIRAM ISSØ. PØR
TUDØ QUE FØI TØMADØ...
É PRECISØ HAVER
REPARAÇÃØ.”

“Vocês são todos cúmplices.” A voz de Belith ainda era suave, mas ressoou pelo pátio como um estrondo. “Por gerações, os Senhores da Guerra trocaram a vida das suas filhas para prolongar a deles. Por gerações, os que vieram antes de vocês permitiram isso. Por tudo que foi tomado... é preciso haver reparação.”

O Corvo, como se respondendo às palavras dela, desceu dos céus como uma flecha, aterrissando na carcaça de um dos Senhores da Guerra. O bico gigante cravou no pescoço do Senhor da Guerra e começou a rasgar. Gritos de medo, negações e alegações de inocência emergiram da multidão, mas ela novamente foi silenciada. Em segundos, o Corvo concluiu sua tarefa e alçou voo levando a cabeça do primeiro Senhor da Guerra.

“Vocês fizeram ouvidos moucos às súplicas dessas mulheres, sacrificaram todas para viver à sombra da fortuna dos Senhores da Guerra”, esbravejou Belith. As palavras dela foram pontuadas pelo grasnido perfurante do Corvo voltando. Ele caiu sobre outro corpo para arrancar os tendões do pescoço do segundo Senhor da Guerra.

Enquanto o pássaro trabalhava, Belith enfiou a mão no vestido e revelou dois punhados de incenso. Então, jogou o pó no braseiro, fazendo irromper uma grande nuvem diante de si. O Corvo, puxando correias de fumaça, partiu, carregando a segunda cabeça.

“Quando o Corvo entregar a terceira cabeça à árvore, *nosso* pacto com ela estará selado. O conhecimento que os Senhores da Guerra angariaram durante a vida — e a *dívida* deles — alimentará a Árvore dos Lamentos por muitos anos. Mas a *sua* dívida...” Belith enrolou a fumaça do incenso com as mãos, fazendo-a ir na direção do céu. “Sua dívida, a dívida de sangue dos seus antepassados, já está muito atrasada.”

O Corvo voltou, pegou a terceira cabeça e partiu novamente. Ele guinchou celebrando a vitória pelos ares novamente, mas, desta vez, ouviu-se um grande estrondo em resposta.

As pessoas presentes começaram a gritar e correr para todos os lados, como uma multidão disforme que se despedaça pelo medo. As outras noivas se juntaram a

Belith, formando novamente um semicírculo de mãos dadas, como tinham feito no pântano quando fizeram o juramento do pacto com a árvore.

Em uníssono, as Sete Noivas da Serpente falaram: *“Vocês fizeram sua escolha.”*

A terra se abriu e houve uma explosão de pedras quando a Grande Serpente, com antiguidade sinuosa, irrompeu por baixo da propriedade dos Senhores da Guerra. Ela ficou no mesmo lugar, ondulando, enquanto as noivas se deliciavam com os gritos e o terror do povo da cidade. Mas a Grande Serpente apenas esperava, existindo em um espaço além da compreensão humana. Havia sido convocada por uma magia poderosa, mas tinha absoluta vontade própria.

As Sete Noivas ergueram as mãos dadas para o céu e entoaram em uma só voz, pela última vez, um coro de liberdade. Depois disso, elas se separariam. As Sete Noivas se estabeleceriam em seus próprios lugares no pântano e começariam a servir à Árvore dos Lamentos.

Elas seriam chamadas por muitos nomes: megeras, curandeiras, *Anzehir*... bruxas. Daquele dia em diante, as Noivas e quem seguisse os passos delas nunca mais se entregariam ao comando de outrem.

“Agora sou livre para fazer o meu”, gritou Belith.

Com uma certeza terrível, a Grande Serpente se lançou sobre a cidade enquanto o Corvo voava alto, grasnando em aprovação.

A cidade e os Senhores da Guerra foram apagados da história... e surgiram as Bruxas de Hawezar, nascidas de cinzas e sangue.

Sobre o autor

David A. Rodriguez é diretor associado de narrativa e roteirista da Blizzard Entertainment. Publicou romances e graphic novels e atualmente está trabalhando na franquia *Diablo IV*, sucesso de crítica. Natural do sul de Chicago, ele se formou bacharel em Teatro Musical pela Universidade de Rockford e continua na sua missão de adicionar números musicais em todos os projetos. Ao longo da carreira, trabalhou na franquia *Transformers: War for Cybertron* e em *Marvel: Ultimate Alliance 2*. Foi roteirista de quadrinhos como *M.A.S.K.*, *Rising Sun* e *First Strike*, da Hasbro. David teve a sorte de combinar o amor pelos quadrinhos e pelos games atuando como roteirista em franquias épicas como *Skylanders* e *Destiny 2*. Recentemente, trabalhou como chefe de narrativa de *Vessel of Hatred*, expansão de *Diablo IV*.